

BOM JESUS DO MONTE--Os alumnos do Collegio dos Carvalhos, na gruta

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) .	1\$200
» » (3 mezes) .	600

À cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60

Artigos photographicos

PHOTO-BAZAR
Magalhães & Carvalho
43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO

As maiores novidades
em chapas,apparelhos,
productos, cartonagens
e papeis.

Fornecedores dos principaes
estabelecimentos scientificos.

Photographia artistica.

Photo-miniatura.

Photo-pintura.



Quarto escuro e machina de
ampliação á disposição
dos amadores.



Lições praticas de photographia.



Acabamento de todos os
trabalhos a amadores.



A nossa casa garante todos os
artigos do seu commercio.



Mandam-se catalogos gratuitamente
a quem: os requisitar.

CONEGO BERNARDO CHOUZAL

2.^a Oração funebre

DE

D. Manoel Baptista da Cunha

Arcebispo Primaz de Braga

*recitada no dia 27 de setembro de 1913 nas exequias
que promoveu o clero do arciprestado de Monção e Melgaço,
na matriz da villa de Monção.*

DEFENDENDO-O E DEFENDENDO-ME

Com um artigo sobre D. Carlos I

Depositarios: CRUZ & C.^o, Rua Nova de Souza — BRAGA



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

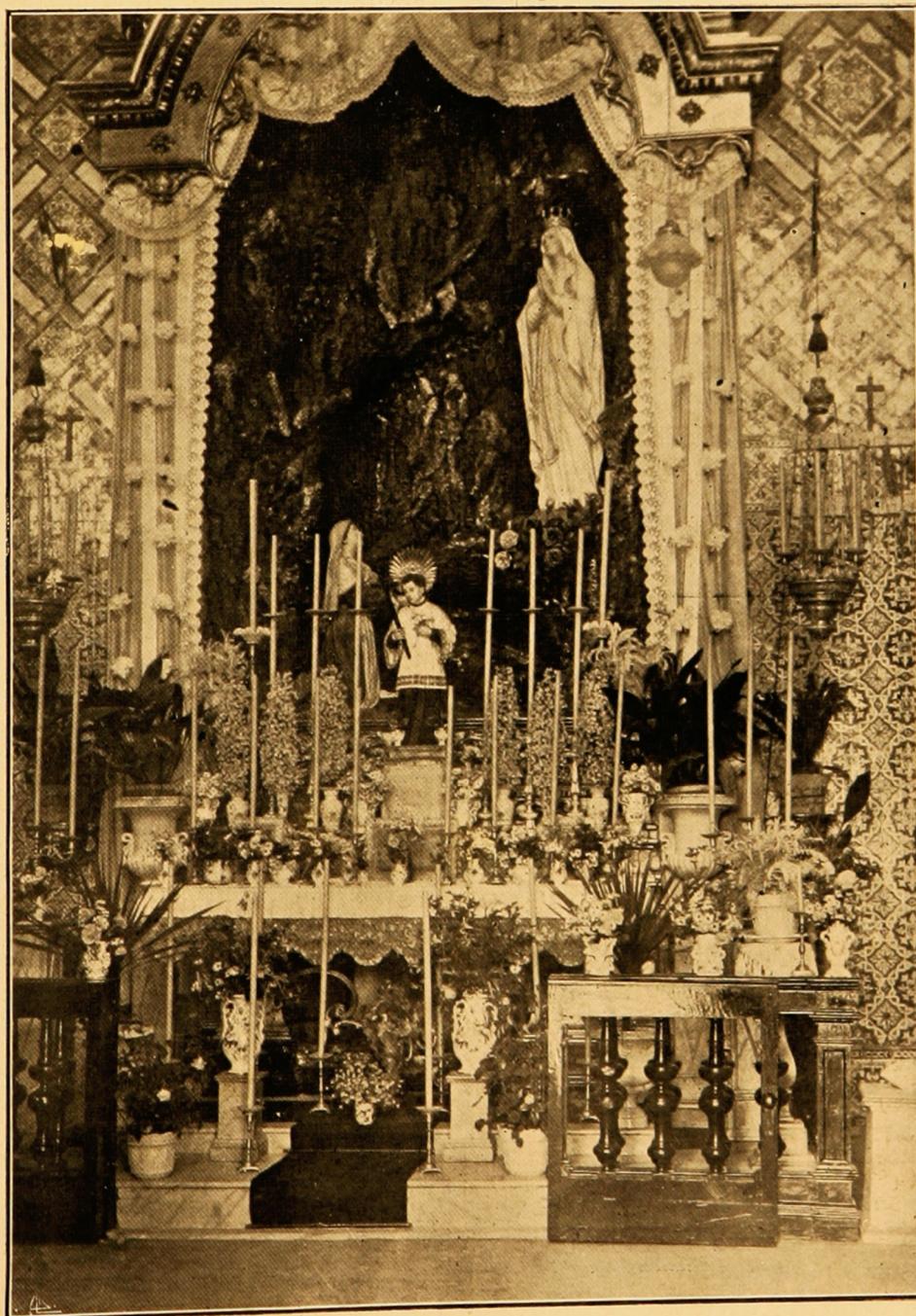
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 18 de julho de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 55—Anno II



BRAGA—Egreja do Salvador. O altar de N. S. de Lourdes no dia da festividade em honra de S. Luiz Gonzaga promovida pela Congregação Academica dos Filhos de Maria

Chronica da Semana

LV

COMO os leitores sabem, o Parlamento fechou. Se não houvesse nada mais revelador do regimen archiluminoso que nos domina, bastavam essas ultimas sessões do primeiro parlamento da Republica...

Eu de ha muito perdi o que sóe chamar-se, em psychologia politica, o fetichismo parlamentarista, que não é mais do que a convicção de que nos bentos seios do corpo legislativo, como se dizia nos tempos da Revolução de 89, reside, floresce e dá seus fructos a soberania nacional.

Eu considero esta, uma utopia e logicamente, considero o parlamento uma ficção.

Faguet escreveu um livro interessantissimo sobre os *preconceitos necessarios*, livro a que o meu espirito raciocinado e claro apenas prospõe a observação de que a religião não cabe na enumeração desenvolvida pelo auctor.

Concordo, porém, em que a ella pertença o parlamentarismo, fructo de uma educação deleteria da opinião publica, norteadada e ministrada, desde Rousseau, por quantos publicistas tem havido inclinados á apostolisação da escola liberal.

Mas o parlamentarismo tem a sua forma superior, como o mal tem o seu arrebique de elegancia attrahente. O parlamento n.º 1 (e praso a Deus que não haja n.º 2) da Republica, é todavia, a sua forma secundaria, aquillo que poderemos definir o parlamentarismo em crú. Arredadas seis ou sete

figuras de relêvo que teem logar marcado na historia, pela coherencia das suas ideias e pela repugnancia que manifestam por todos os crimes, o resto dos comparsas constitue uma alluvião de detrictos intellectuaes e moraes que mette pena!...

Só assim é possivel explicar o factu reconhecido por todos, a saber que a Republica se consubstanciou no parlamento, e o parlamento, na Republica. Não comporta uma desataviada chronica, como esta, a epilogação da obra de tal cenaculo.

Mas os leitores sabem perfeitamente—e quan-

tos por experiencia! — o que ella vale.

O parlamento oscillou entre a subservencia perante o demagogismo e a mais flagrante incompetencia.

Resalve-se de passagem a lei dos accidentes do trabalho, e o que resta é uma amalgama de idealisações que ou tocam o alarme da revolta popular ou redundam n'uma brutalissima oppressão. Haja vista o confisco dos bens em posse de indiciados inimigos do regimen e a lei que separou a Egreja do Estado...

Do parlamento findo apenas subsiste uma grave impressão de hilaridade. Foi a fabrica mais completa de anedoctas que os annuaes parlamentares teem registado. Havia dentro d'elle homens boçaes, como o celebre barbeiro de Leiria, homens de uma cultura de dictionario como Nunes da Matta: outros de uma irreverencia tão sacrilega como Faustino da Fonseca que nos dias da constituinte collocava o seu chapeu de palha democratico sobre a cabeça do busto do Marquez de Sá, e ainda alguns de tanta originalidade que dedicavam o poderoso esforço do seu espirito a regular os serviços de aleitação infantil, gravemente prejudicados pela natural tendencia das amas de leite pelas fardas da policia...

Mas paremos um pouco. E' que se ergue d'aquella camada anonyma e confusa, uma figura. E' a de Eduardo d'Abreu. Vem pallida, com os olhos perdidos de olhar um mundo novo para elle!... E' que o grande luctador foi alli dentro o porta voz do Direito, o verberador dos erros, o soldado rude da verdade. Mas o odio expulsou-o. A podridão não tolera objecções. Quer o campo livre. E ella matou Eduardo d'Abreu, o seu inimigo pertinaz!...

O parlamento fechou. Foi um allivio! Fechou quando começavam os primeiros luares dos fins de Junho, tão lindos, cheios de melodias que estonteiam, esfumando os montes e os campos, luares d'Avê-Marias — muito mais bellos de ver que as ultimas sessões parlamentares!

F. V.

XII

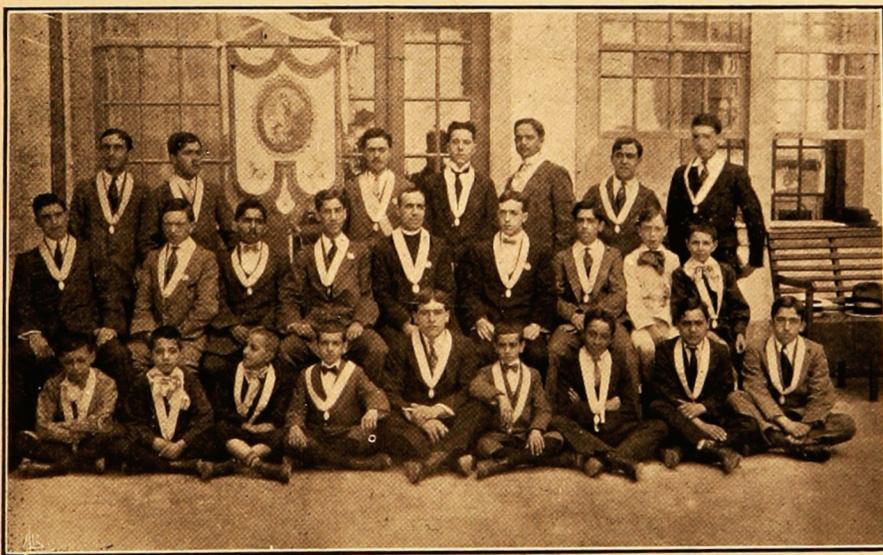
Aventuras das palavras

II

Visita á torre de Babel!

LSQUEI á curiosidade dos leitores com o primeiro serão sobre *futildades e ninharias* e presumo que os mais atilados se estão já regalando com a ideia dos interessantissimos serões que havemos de passar, contando aventuras de palavras. Podem crêr que tudo o que imaginarem ficará mui-

Antes de partirmos para «o local do sinistro» como se diz em estylo de gazeta, quer dizer: para a torre onde se deu a confusão das linguas, abra o leitor o *Chambers Etymological Dictionnary of the English Language* (ditosos os que teem bilhostres para comprar o Skeat, cujo preço não é para bolsa de emigrado!) Ahi, pag. 579, leia isto, que eu traduzo para os profanos: A prova evidente de que o grupo de linguas conhecido como linguas arianas forma uma familia — isto é, são todas dialectos irmãos de uma mesma lingua-mãe — consiste em que são as mesmas as suas formas grammaticaes e em possuirem em commum muitas palavras. No discernir se uma dada palavra n'uma d'essas linguas é realmente a mesma que outra n'outra d'essas linguas, já nos não guiamos por uma simples semelhança de nome; ao revez: a identidade de som é geralmente presumpção de que uma etymologia proposta é falsa. As pala-



BRAGA — Grupo de membros da Congregação Academica dos Filhos de Maria, promotora da festividade a S. Luiz Gonzaga

to áquem da realidade, porque ha palavras que foram verdadeiros Rocamboles!

Quero hoje levar commigo o leitor á torre de Babel. Vamos ver palavras da nossa lingua que apparecem n'outras linguas, com as mesmissimas lettras, pela mesma ordem, mas com significações absolutamente diversas, e sem parentesco algum entre si, nem proximo, nem remoto. (Sobre este *remoto* faço uma reserva, que será explicada mais tarde n'um dos mais apilardos serões d'esta serie!...)

avras estão sujeitas a continuas alterações e cada lingua segue o seu proprio modo de operar essas alterações. D'onde vem que palavras correspondentes, em varias linguas, devem, em regra, ter-se diferenciado grandemente.

N'este serão vamos rir todos com alguns exemplos 1.^o — de palavras portuguezas que n'outras linguas teem significações e origens absolutamente differentes; 2.^o — de palavras d'outras linguas, que sem terem nem uma só lettra das outras palavras nossas teem absolu-

tamente a mesma origem e o mesmo significado. Se lhes parece pouco!...

Comecemos pelo latim. Não ha caloiro de latim a quem não tenham proposto, para traduzir, esta phrase latina: *Mater tua mala burra est...* Ora aquelle *mala* nem é o adjectivo *mala*, que conservamos na expressão *malas-artes* (más) nem, muito menos, a mala do viajante: é o accusativo neutro plural de *malum*: maçã. *Burra*

NO
||
NO

Passemos a uma lingua mais affastada de nós: ao russo. *Mimo*, quer dizer: deante; *nos*: nariz; *cheia*: pescoço; *pojar*: incendio; *do*: até; *da*: sim; *lenta*: fita; *pó*: segundo, sobre, etc; e muitissimas mais.

Em grego: *eidos*: aspecto; *callos*: belleza; *pino*: bebo; *monos*: unico; *moira*: parte, porção de terra, etc.; *laura*: rua, viella; *lasco*: grito; *pente*: cinco, etc., etc., etc.

Em hespanhol, ahi perto de nós, ha, entre muitos outros, e alguns pouco decentes, *mono*: bonito; *chita*: um osso de vacca ou carneiro; *polvo*: pó; *mano*: mão, e centenas de outras...

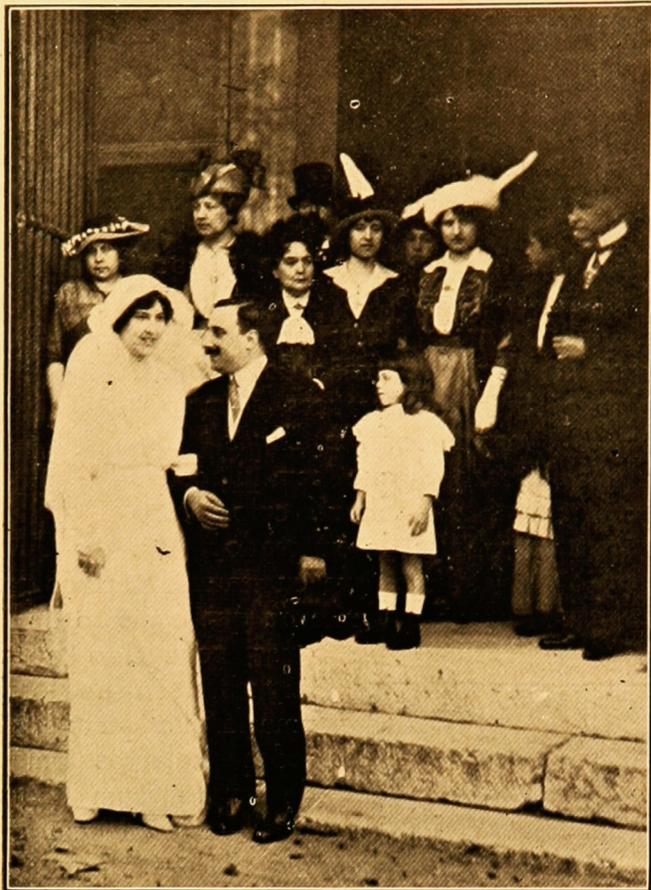
Em italiano: *burro* (cã volta o burro!) manteiga; *matto*: doido; *ancora*: ainda; *pipa*: cachimbo, etc.

Em norueguez: *nabos*, quer dizer: do visinho; *grave*: cavar; *bebo*: habitam, etc.; em romêno: *cal*: cavallo; *pote*: talvez; *bola*: doença, etc.

Se quizessemos continuar encontraríamos em catalão: *ara*: agora; no dialecto de Aurillac *componho*: campo; em arabe, *facada*: procurou (algo perdido); em australiano: *baba*: mulher; em thusc (Caucaso) *mar*: homem, etc.

Paremos! Esta primeira parte pouco ou nenhum interesse offerece *agora*. Tempo houve, como nota o dictionario inglez citado, em que os etymologistas se deixavam guiar por semelhanças, como estas, meramente casuaes, para explicarem, ás vezes engenhosissimamente, palavras das suas linguas. Veremos mais tarde alguns exemplos.

Se o leitor consultar os dictionarios etymologicos modernos sobre uma qualquer de aquellas palavras, achará que nem pelo significado, nem pela origem se relacionam com as mesmas palavras portuguezas. Tomemos para exemplo o *polvo* hespanhol (pó). O *polvo* hespanhol vem do latim *pulvis*; e o *polvo* portuguez (mollusco) vem do latim *polypus*. Na mesma lingua é frequente encontrarem-se palavras



LISBOA—O casamento da Ex.^{ma} Snr.^a D. Nathalia Pereira d'Eça

gentil filha do snr. general Pereira d'Eça, ministro da guerra, com o snr. dr. José d'Alpuim d'Agorreta de Sá Coutinho natural de Vianna do Castello e filho do antigo deputado da nação snr. José d'Alpuim da S. Souza e Menezes

Os noivos sahindo da igreja

tambem não é a femea do burro: é o accusativo neutro plural de *burrus*, *burra*, *burrum*, que quer dizer, *vermelho*. Quanto a uma affinidade entre *burrus* e o *burro* portuguez, seriam contos largos... Talvez consagremos um serão... aos burros! Por ultimo o *est* não é o verbo esse, ser, mas sim o verbo *edo*, comer: *tua mãe come maçãs vermelhas*.

Ainda em latim *no* quer dizer *eu nado*; *bella*: guerras; *peras*: alforjes; *multa*: muitas coisas; *gallos*: gaulezes; *lata*: coisas trazidas, e poderia citar milhares de exemplos, alguns escandalosos sob o ponto de vista moral...



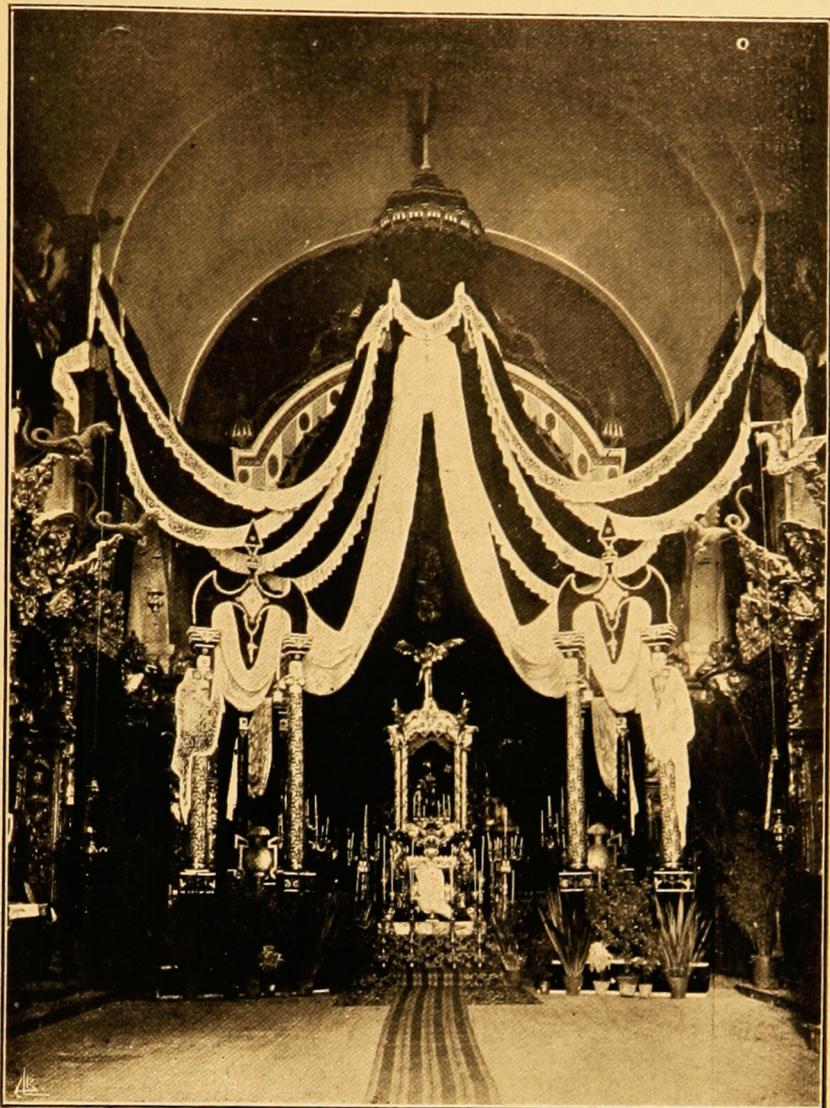
Prendas offerecidas aos noivos

escriptas com as mesmas letras e provenientes de origens diversas; assim do *momentum* latino temos *momento*, e de *mo-mo* temos *momento* (Filinto Elysio) o que faz momices, e muitos casos analogos.

Passemos agora á segunda parte: palavras de duas linguas, que á primeira vista não parecem ter o mais remoto parentesco e que contudo são as mesmas. Na palavra *jour* franceza não ha nem uma unica lettra da palavra *dia* portugueza; pois *dia* vem de *dies*, latim; do *dies* se fez *diurnus*, baixo latim: *jornum*; italiano: *giorno*, provençal: *jorn*; francez: *jour*. — Entre a palavra romêna *apa* e a franceza *eau* (agua) não parece haver afinidade.

Pois ambas descendem do latim *aqua*. Para o francez as formas de transição foram: *ague, aigue, age, egue, awe, èwe, ève, iave, iaue, eaue, eau*. Ora o som aspero do *c* latino é representado em romêno, muitas vezes, por *p*: assim de *lactem*: romêno *lapte*; *noctem*: *nopte*; *quatuor*: *patru*. De *aqua*: *apa*. Quem ousaria ver no romêno *iapa* (egua) o portuguez *egua*? Pois com as mesmas transformações nós fizemos *egua* de *equa* (feminino de *equus*: cavallo) e elles *iapa*.

Se lhes eu disser que a palavra ingleza *kickshaws* tem alguma coisa que ver com as nossas *qualquer coisa* — levam as mãos á cabeça. Pois não se espantem. O *qualquer coisa* corresponde ao *quelque chose* francez (excepto o *quer*) e o *kickshaws* inglez (leia: *kikchouze*) é o *quelque chose* francez. (Veja-se *Chambers etym. diction.* e uma longa lista de casos semelhantes em MEI-



POVOA DE VARZIM — Interior da Egreja Matriz nas exequias por alma do fallecido Conselheiro José Luciano de Castro



ADELINO CORREIA

vencedor da «Cup Augusta», no ultimo torneio realizado no Club dos Caçadores de Braga

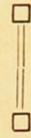
KLEJOLNOS, *The English Language* (29.^a ed.) pag. 161 e seg.).

Quando o leitor ouve na egreja dizer: *kyrie eleison*, está a mil leguas de pensar que o *eleison* esteja muito bem escondidinho na nossa *esmola*, assim como está longe de a ver, por exemplo, no inglez *alms*. Pois eu lhe conto: — em grego ha um verbo *eleeo*: tenho piedade, que tem a forma aoristica: tem piedade: *kyrie, eleison*: o Senhor, tem piedade, e o substantivo *elemosyne*: misericordia, compaixão pelos pobres, esmola: no baixo latim *elemosyna*, em italiano *elemosina* e *limosina*, provençal *almona*, francez *aumône*, antigo hespanhol *almona* mo-

derno *limosna*, portuguez *esmola* (por *elmosa*, como *palavra* de *parabola*, etc.) inglez *alms* — medio inglez *almes*, anglo-saxonio *aelmaesse*, moderno alto allemão *almosen*, medio alto allemão *almosen*, antigo alto allemão *alamuosan*, medio hollandez *aelmoese*, *aelmoesene*, hollandez actual *aalmoes*, etc., etc., etc., porque podia seguir as variantes dialectaes.

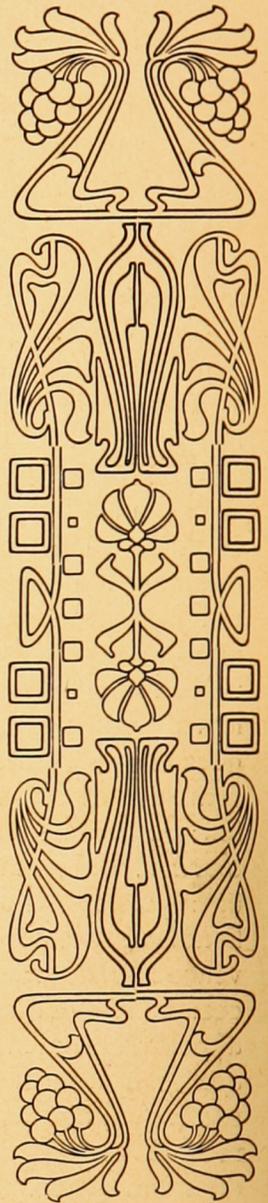
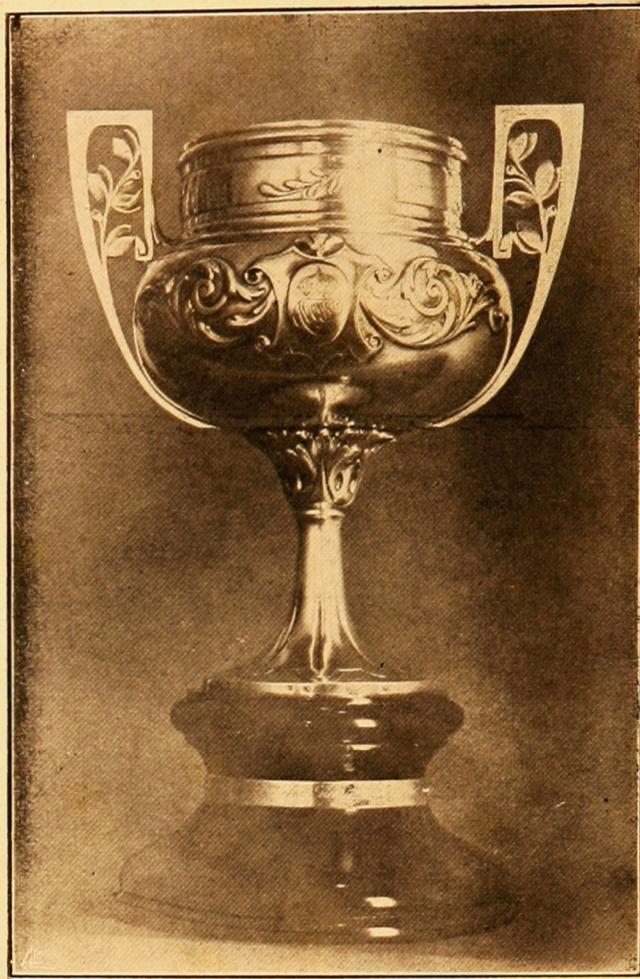
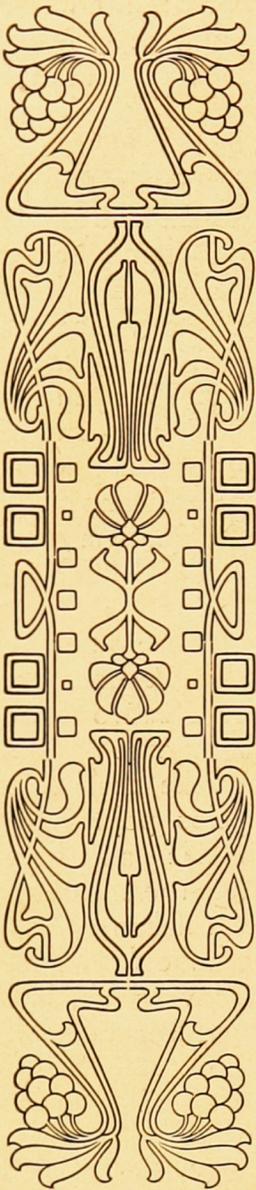
Creio que o leitor, do alto d'esta torre aonde o eu trouxe, forma agora uma ideia mais precisa da babel das linguas. Quantas linguas ha? quantas houve? até onde vae o parentesco d'umas com outras? brotaram todas d'uma só lingua primitiva ou foram varios os centros de origem dos grupos linguistas? As transformações das palavras, assim no sentido como nos elementos phoneticos, são absolutamente arbitrarías? ou ha algumas leis que as regem? a linguagem, que origem teve? foi invenção do homem? foi revelação de Deus?

Se esta descarga cerrada de interrogações, aqui no alto da torre de Babel, não aguilhõa a curiosidade dos leitores, então não voltem aos meus serões. Procurem antes entender o *superavit*...



Sempre espero alguns para o proximo serão...

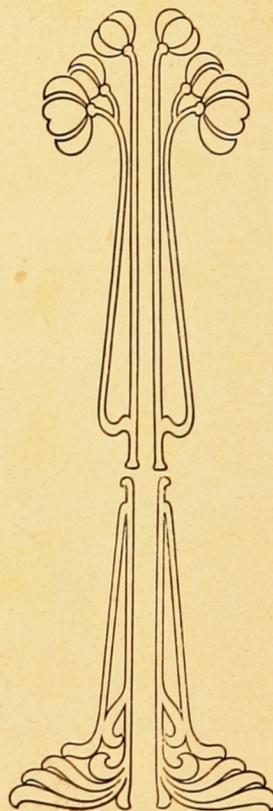
ARTHUR BIVAR.



*"Cup Augusta,"
Offerecida ao Club dos Caçadores de Braga
pelo Ex.^{mo} Snr. Leopoldo Machado, para ser
disputada entre os socios atiradores*



*O menino Augusto Correia, de
9 annos, filho do snr.
Adelino Correia, antes de partir
para a caça*



*O menino Augusto Correia, com
o seu cão "Tejo," marrado,
á espera da sahida d'uma codorniz*

VIDA NOVA

(Com as rimas do soneto—*Sentido de Viver*—publicado na pag. 466, tomo I da «Illustração Catholica»)

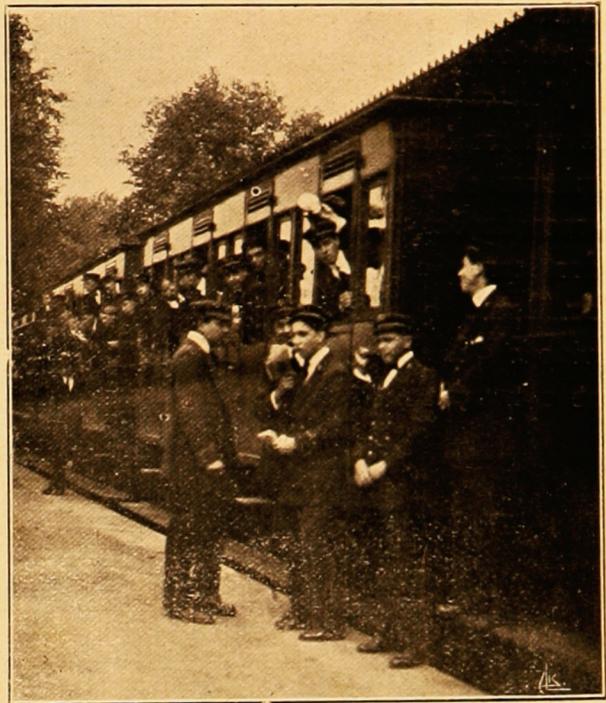
*VIVER é amar. E só quem ha sentido
O verdadeiro amor, pode dizer,
Da vida qual o intimo sentido,
Da vida qual o solido prazer.*

*—Que estrada immensa tenho percorrido!
Venho caçado e cheio de soffrer...
Mas, ai de mim, que tudo foi perdido!
Vivendo ha muito inda não sei viver!*

*Provei os gozos que este mundo encerra.
Ergui castellos vãos feitos de terra,
Mas... cahiu tudo miseravelmente!*

*Hoje, a minh'alma, emfim desilludida,
Entra na doce e verdadeira Vida
Que me fará viver eternamente.*

JOÃO D'OUTEIRO.



A partida para Braga nas carruagens reservadas



Na estação de Braga. Um grupo de alumnos depois da chegada

plenos de sol, vinhedos, clima d'oiro — despertaram-lhes aquellas suaves emoções, que se guardam religiosamente.

No Bom Jesus, os mais pequenos riram e brincaram sob as arvores do parque formosissimo, como só as crianças sabem rir e brincar. Os mais moços sentiam dentro em si a sua alma adolescente abrir as azas na ambição de subir mais alto, acima d'aquelle lugar de frescura e de poesia que o Sanctuario do Bom Jesus corôa — sonho que acalenta todos os que tem o espirito preso á terra.

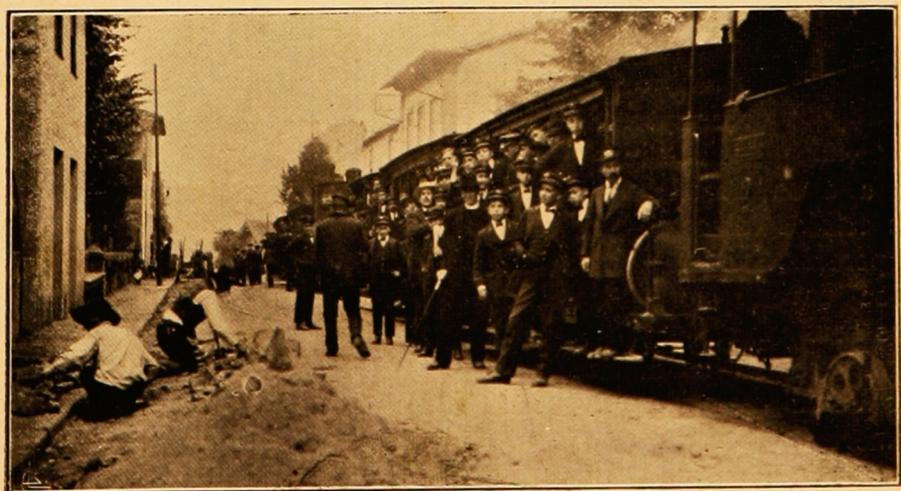
Na alta montanha do Sameiro formaram grupos encantadores deante da objectiva da machina

Collegio-Internato dos Carvalhos

○○○

Foi n'um dia de suavidade primaveril, de um doce ceu azul, d'onde espadanavam cataractas de sol, que os alumnos do Collegio-Internato dos Carvalhos visitaram a cidade de Braga e a estancia do Bom Jesus.

Os excursionistas participavam da alegria do dia, e os encantos da paisagem — grandes searas ondulantes, campos

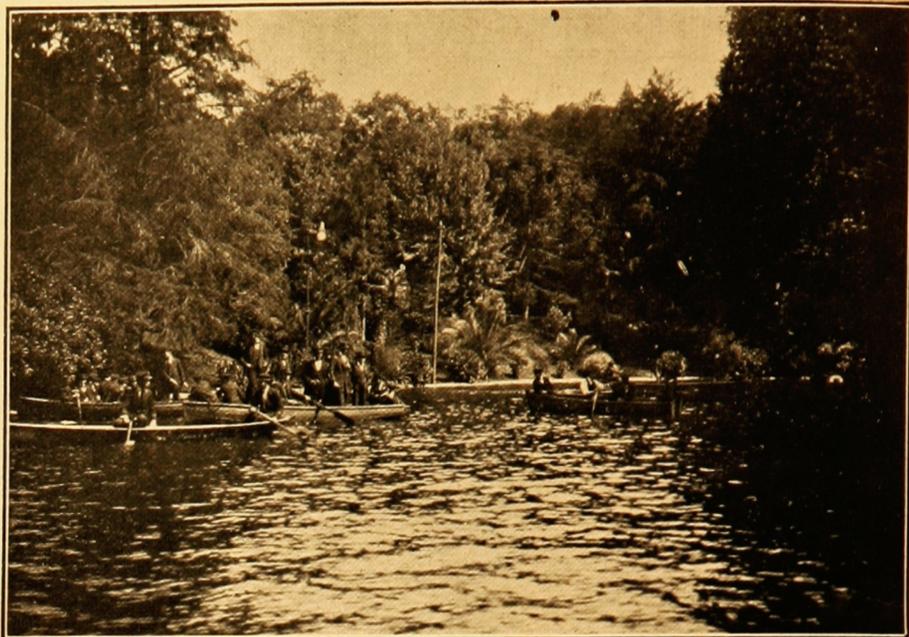


No trajecto de Braga para o Bom Jesus do Monte

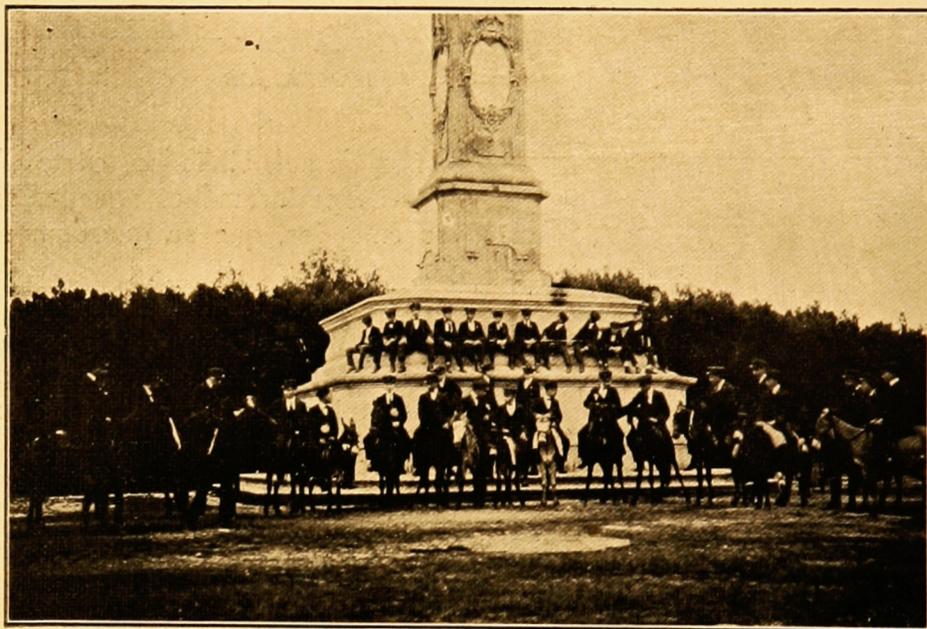
photographica — o sol de primavera doirando-lhes a cabeça e o rosto radiantes.

A' hora do entardecer, todos voltam trazendo pequenas amphoras e figurinhas de barro — recordações que serão para todos como a voz longinqua d'um buzio que colassem ao ouvido e lhes fallassem de belezas e emoções.

* * *



No lago do Bom Jesus do Monte. Os alumnos passeando de barco



No Sameiro. A cavalgada promovida por alguns alumnos

mulheres, que fóra dos porticos olhavam tristemente o esmorecer da luz. Tirára a rainha os seus adornos e collares muito pezados que cahiam em circulo e com rutilações de pedras preciosas sobre o seio, velado de gazes transparentes.

Tudo repouzava no palacio e a vida apenas se revelava no arfar das respirações.

A maior parte das servas da rainha, velavam em torno d'ella, as tunicas brancas cingidas pelo nó das faixas de viva sêda, e os véos, bordados a filigrana, pondo um tom branquiçado nos recessos som-

O castigo de Herodiades

ooo

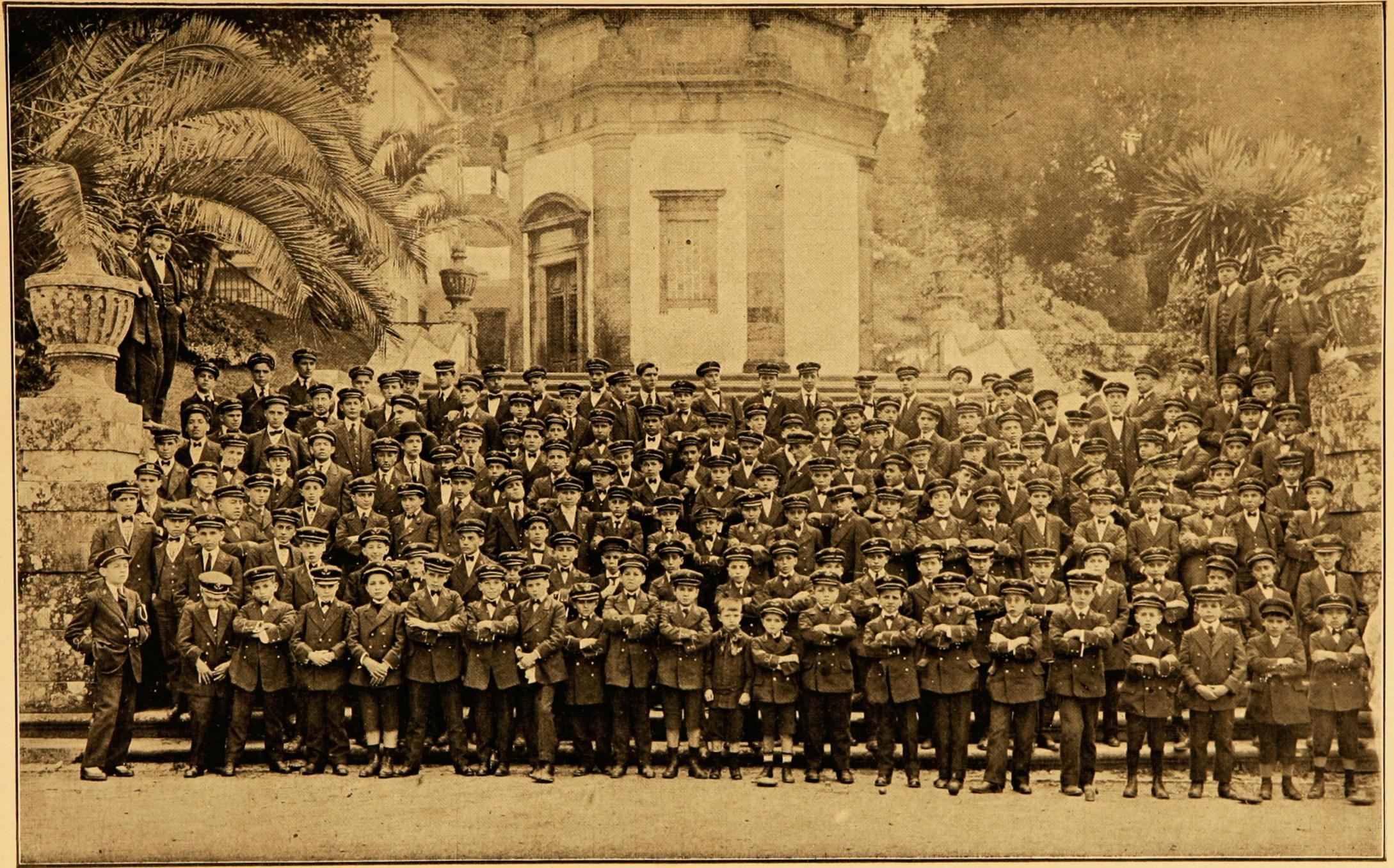


SOB os porticos de marmore, á borda dos tanques onde a agua dormia, resupina em estofos faiscentes de oiro e perolas, Herodiades deitara-se envolto no tecido fino dos seus véos.

Passavam as ultimas horas de um dia ardente. O sol começava a decrescer no poente em fogo. Havia ainda reflexos do seu rubor no polido dos marmores e nas faces das



1.º "team" do Grupo desportivo do Collegio-Internato dos Carvalhos

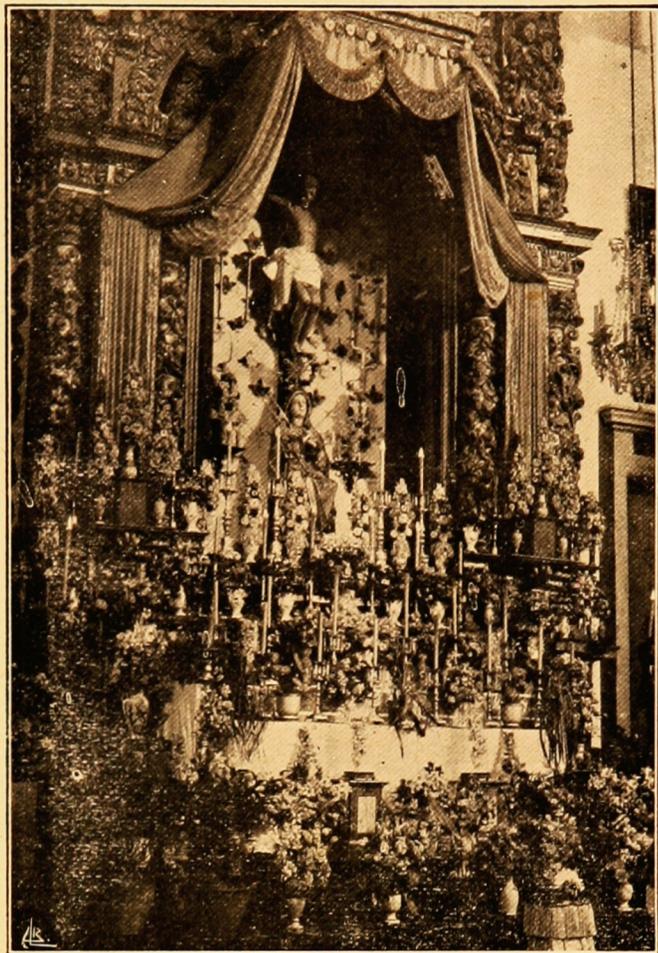


Grupo dos alumnos do Collegio-Internato dos Carvalhos, tirado no Bom Jesus do Monte

brios e cheios de frescor; umas deitadas sobre a pedra, outras aninhadas perto da sua ama, espiando os seus menores gestos, promptas a rodea-la ao primeiro desejo presentido.

Aromas de flores capitosas, de myrtho e sandalo fluctuavam pelo ar.

Herodiades, invadida por um torpôr que lhe distendia os membros, fatigados de danças e



VIANNA DO CASTELLO—Altar de Nossa Senhora das Dores da igreja de S. Domingos na conclusão do mez de Maria

(Clichê do phot. am. sr. Antonio José S.rigues).



Aspecto das ornamentações na festa de Valladares



VILLA NOVA DE GAYA—A igreja de Valladares onde se realisou a festa ao Senhor dos Afflictos

excessos, sonhava coisas cruéis de morte e de volupia degradante.

Dez annos haviam decorrido desde o supplicio de S. João Baptista. Jámais um pezar afflorára na alma da cortesã; a palavra severa do Precursor não mais ferira os seus ouvidos para lhe censurar o adulterio e as torpezas, e ella mergulhara até á saciedade nos prazeres, occupada cada dia em novos divertimentos, disputada pela crueldade e pela luxuria.

Sómente ao passar o anniversario da degolação do Sancto, a sua memoria trazia aquella scena por instantes á alma concentrada e gelada de Herodiades.

Era uma visão rapida, e comtudo misericordiosa, porque dos labios mortos do Precursor, cerrados por ella mesma, uma voz cahia formidavel, que penetrava como um relampago no meio das nuvens do seu cerebro: «Penitencia!»

Mas cerrando essa bocca do Baptista, Herodiades quizera garantir o seu descanso no mal, cerrara tambem a propria consciencia e, revoltada deante da imagem da culpa, que em cada anno lhe apparecia n'uma data funebre, como um aviso, atirava-se, para que essa imagem não a dominasse, para não a ver,

para não lhe ouvir a voz d'exprobação, a um abysmo ainda mais profundo de sensualidade.

E a hora do castigo approximava-se.

.....
Era a hora do banho de Herodiades.

A rainha fez um signal e as suas creadas cercaram-n'a. Com gestos lentos, despiram-n'a. Espalharam na agua dos tanques o perfume de

duas urnas, e Herodiades, deixando o leito, entrou na agua.

Mergulhou até ao pescoço com delicia. A negra cabelleira fluctuava em torno d'ella e os seus olhos crueis, que acabavam de avistar a visão do remorso, fechavam as palpebras, nas quaes, sob a arcada correctissima dos cilios, choravam gottas d'agua que haviam resaltado á entrada da rainha no seu tanque de branco marmore.

As creadas evolucionavam discretamente em redor...

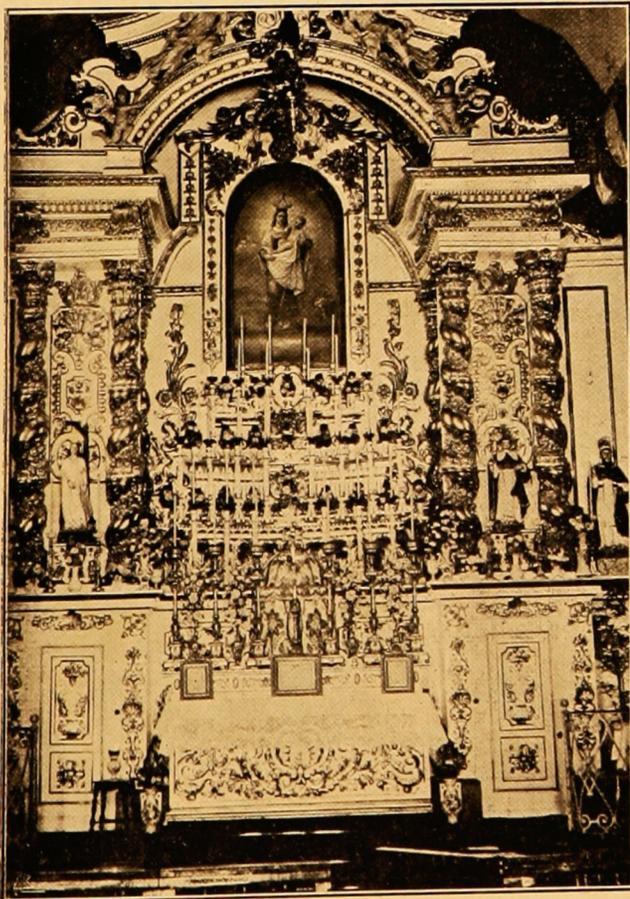
E o banho de Herodiades prolongava-se...

Mas eis que, vindo do fundo desconhecido do deserto, ou talvez do ainda mais fundo desconhecido dos céos um vento forte se elevou, mysterioso, mais frio que o gêlo, cortante, insustentavel. Os bordados das sedas preciosas foram arrancados e bateram violentamente de encontro aos marmores. Uma atmospha, fria e pallida como a de um dia de inverno, substituiu o ar morno em que estas mulheres enlanguesciam, e, immoveis, estupefactas, ellas estremeceram sob os véos.

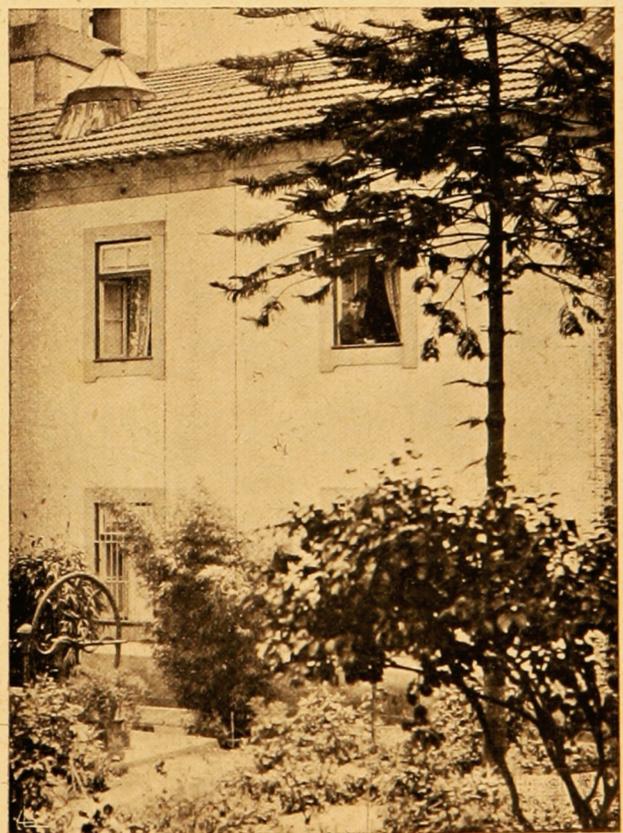


VILLA NOVA DE GAYA — Valladares — O povo na volta da romaria

Clichés de J. d'Azevedo, phot. da Ill. Cath.)



PORTO — O altar-mor da capella de Fradellos onde ha dias se realisou uma concorrida festividade



PORTO — Fradellos — Uma parte do jardim que cerca a capella

No tanque, onde a rainha se banhava, a agua gelou subitamente.

E Herodiades, o corpo prisioneiro d'este vestido de gêlo, viu chegar a hora tremenda do castigo. Dilatados de horror, os seus olhos abriram-se sobre a morte.

E foi um caso miraculoso e digno d'espanto, O gêlo, ao formar-se, cortou cerce, pela base

do pescoço, a bella cabeça altiva que ficou poisada, emergindo do tanque. Uma linha de sangue era o seu novo collar...

Depois o vento amainou, o ar voltou a amornecer; este gêlo estalou, fundiu-se n'um instante como a neve no fogo, e apenas restou d'elle um bocado, redondo, que sustentava ao boiar, como um prato, a cabeça de Herodiades...

VALDANGE.



PORTO.—Fradellos. Um trecho do arraial
(Clichês do rev. Adriano S. d'Azevedo)



Devota imagem de N. Senhora da Fé, que se venera na freguezia de Cantellães—Vieira



VIEIRA — Cantellães. Um trecho d'uma procissão ao entrar na capellinha de N. Senhora da Fé

Fastos do Catholicismo

Congresso Eucharistico de Lourdes

Na actualidade todo o mundo catholico volve para a cidade da Immaculada os languescidos olhos, como o explorador polar, perdido nos gelos boreaes para o sol que no horizonte apparece como promessa de vida. A sociedade christã, enregelada pelo abandono jansenistico da Eucharistia, vê agora, na Divina Hostia, o rejuvenescer ditoso.

Entre as obras eucharisticas uma avulta: os Congressos Internacionaes. O d'este anno vae reunir-se em breve junto da gruta de Massabielle, a epopeia mariana do seculo XIX, mas tambem o campo de gloria da Eucharistia no seculo XX. E' nas procissões theophoricas e mais particularmente na benção, que Jesus, presente sob as especies sacramentaes, opera com frequencia os prodigios que o seu amor multiplicou em Genazareth, na Gallileia, junto de Sichar e de Naïm.

O S. Padre nomeou já Legado seu a esse congresso, onde se reunirão nove cardeaes,

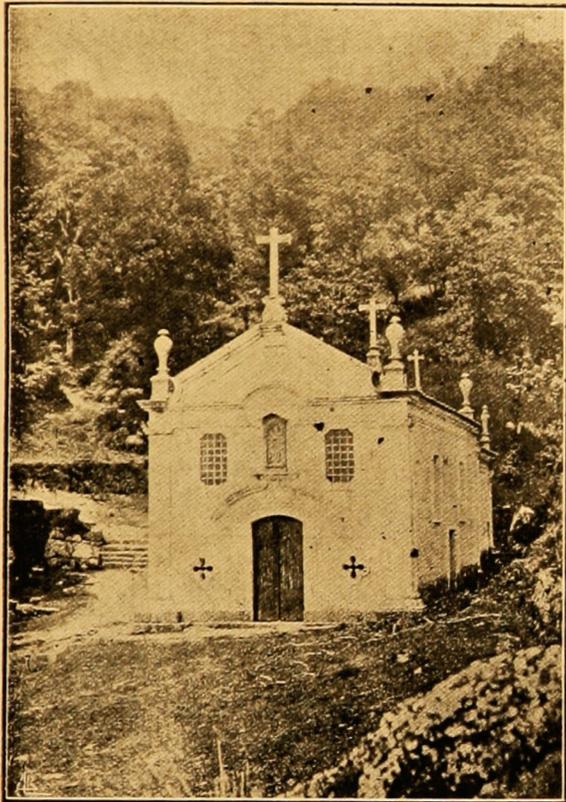
180 bispos e innumeraveis catholicos de todo o mundo, havendo lá uma secção portugueza.

O Santissimo estará exposto durante todos os dias do congresso, e em todo o mundo se realizarão solemnes cultos e devoções pelo bom resultado dos trabalhos e estudos.

Em Braga far-se-hão tambem festas religiosas no dia do encerramento.

Presente ao Papa

Um official ás ordens de Guilherme II

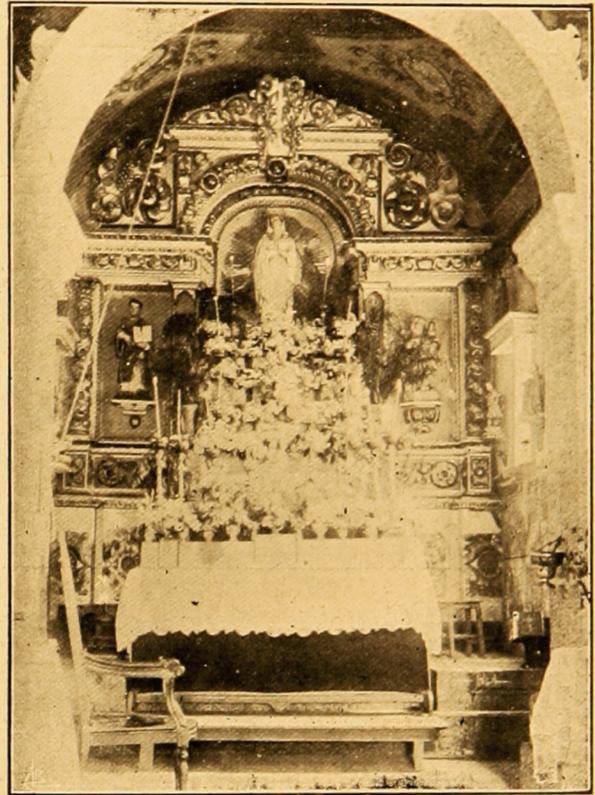


VIEIRA — Cantellães. Capellinha de N. Senhora da Fé

entregou a S. Santidade um artistico estandarte, fiel reprodução do *labarum* de Constantino, primoroso trabalho de bordado feito pelas benedictinas de Laach, e que o kaiser germanico offereceu a Pio X.

E' consolador para o nosso coração de catholicos ver um soberano protestante, prestar assim a sua homenagem ao chefe da Igreja Romana.

R. C.



Altar da igreja parochial de Cantellães onde se realisaram os exercicios do mez de Maria

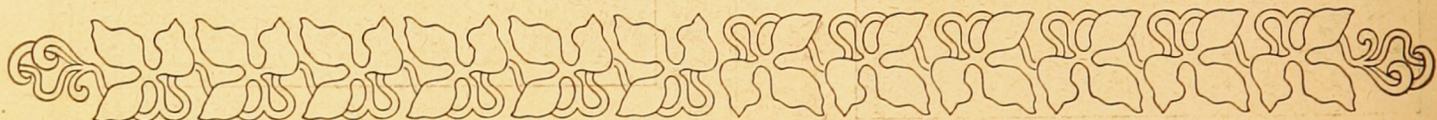


No fim d'uma merenda por occasião da festa de N. Senhora da Fé



VIEIRA — Cantellães. Grupo de crianças que fizeram a 1.^a comunhão no dia da festa da conclusão do mez de Maria

(Clichés do phot. am. snr. João Barbosa Vieira)



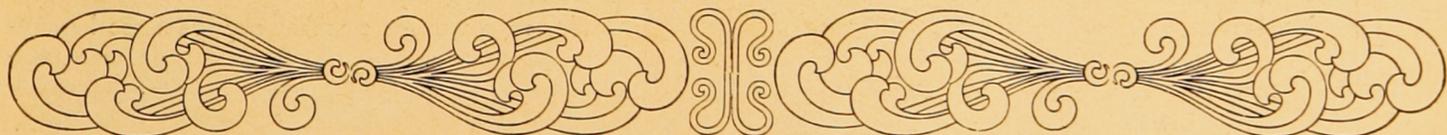
BRAGA — Crianças do sexo feminino que frequentam as catecheses da freguezia da Sé Primaz. Ao lado o seu zeloso parcho rev. João Narcizo d'Azevedo



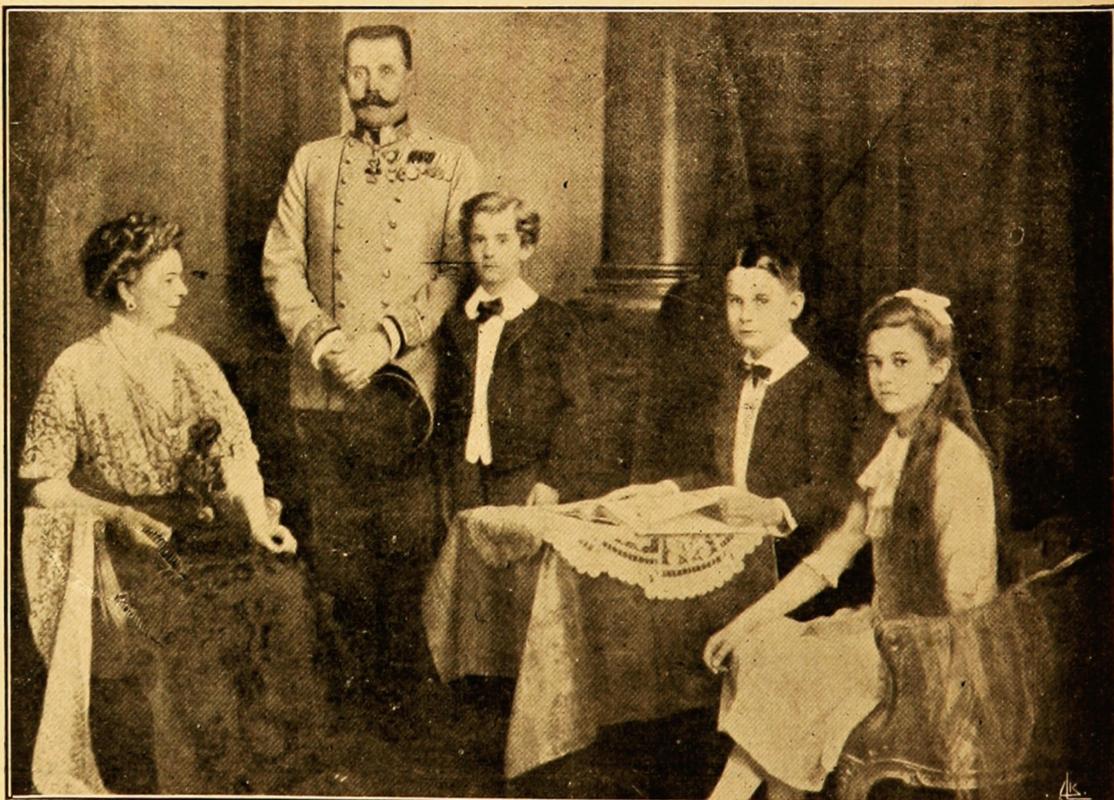
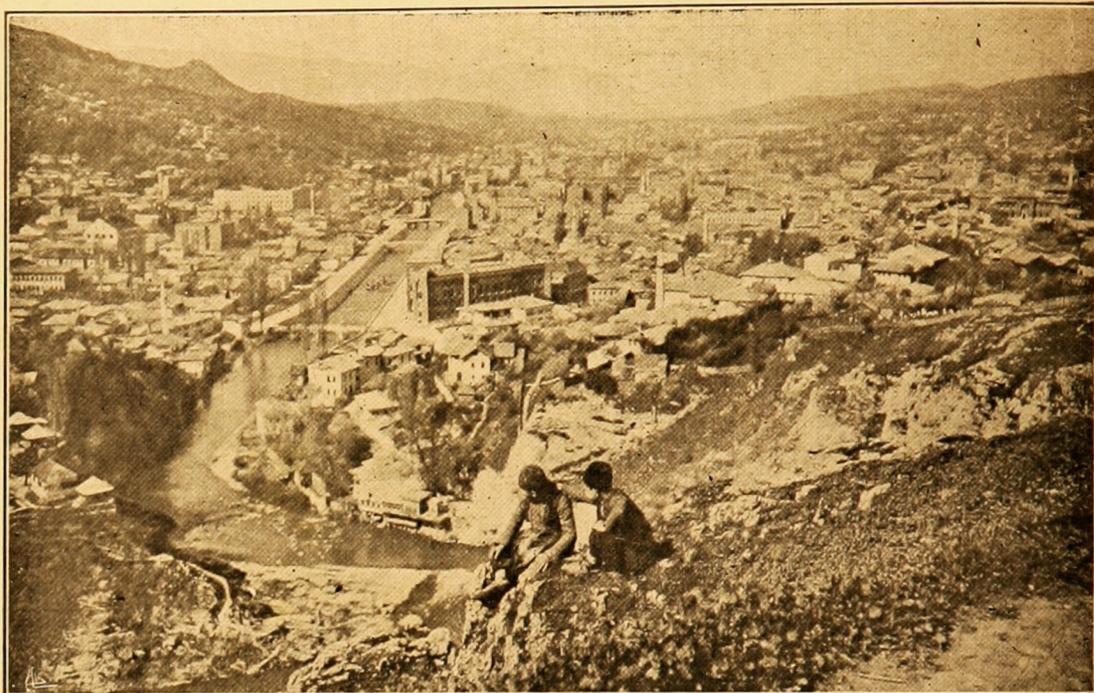
BRAGA — Crianças do sexo masculino que frequentam as mesmas catecheses



BRAGA — Meninos e meninas que ultimamente fizeram a sua 1.^a comunhão na igreja parochial de S. Thiago da Cidade



NOTAS DO ESTRANGEIRO



1—Vista geral de Sarajevo.

2—As victimas do attentado de Sarajevo.

No grupo veem-se o archiduque Francisco Fernando e sua esposa, assassinados ao sahir de uma recepção na Camara Municipal e seus filhos a princeza Sophia e os principes Maximiliano Carlos e Ernesto.